

Vivemos em um mundo que se renova com velocidade surpreendente. As ameaças globais e a plataforma tecnológica que possibilita a comunicação em rede e em tempo real fizeram emergir uma conjuntura inédita. A face da economia e do mercado mundial transforma-se em períodos de tempo cada vez mais curtos. A impermanência é a única característica que se mantém estável.

Simples

Diante dessa complexidade, os países estão irremediavelmente interconectados. Os problemas isolados de um transformam-se nos sintomas de outros. Essa é a boa notícia. Estamos todos juntos e o grande desafio é renovar crenças, teorias, práticas, formas de viver em sociedade e de governar.

Nas empresas, não é diferente. Os Novos Paradigmas estão aí e não há como ignorá-los. No século 21, empresas que querem atuar com proatividade e ganhar competitividade precisam se perceber e se estruturar como organismos vivos e interdependentes. E admitir que são apenas parte de ecossistemas complexos, que integram pessoas, comunidades, governos, sociedade, meio ambiente e o próprio planeta.



Aos números de produção, venda e faturamento, somam-se os valores que constroem uma gestão com responsabilidade e excelência. Palavras como cooperação, flexibilidade, diversidade e sustentabilidade migram dos discursos políticos e declarações de intenções para ações práticas e urgentes. É um novo comportamento empresarial que surge.

Nesta era de incertezas, as questões intangíveis estão cada vez mais incorporadas nas análises de riscos e segurança de negócio. Ao lado dos balanços financeiros positivos, o valor de uma empresa aumenta na mesma proporção em que crescem seus indicadores de gestão de pessoas, de inovação e de relacionamentos, assim como de seu comportamento ético, transparente e cooperativo na solução das ameaças ao ecossistema do qual faz parte.

As empresas do século 21 priorizam as relações com as partes interessadas como estratégia-chave de negócio. Ao fazer isso, reconhecem e respeitam o novo papel que se desenha para o indivíduo. Tem lógica, pois, cada dia mais, o cidadão (ou o consumidor) cria consciência do seu poder de organizar redes de informação ou de organização social, em progressão geométrica, o que o torna plenamente apto para determinar regras na produção e consumo.

Há menos de duas décadas, o ambiente externo do mercado previa estabilidade e permitia planejamentos de longo prazo. Hoje, o cenário de mudança exponencial possibilita planejar, no máximo, cinco anos à frente. Se no século passado, as lideranças detinham o comando e o controle de forma centralizada e vertical, agora se preparam para participar de uma estrutura organizacional na qual o comando é horizontal e distribuído, abrangendo o ecossistema.

assim

Não poderia ser diferente, pois as empresas do futuro precisam “pensar” a organização, eleger seus valores, construir visão de futuro, firmar compromissos com as partes interessadas – e toda essa cultura precisa ser disseminada, do operacional à alta direção, a fim de garantir coerência entre o que se fala e o que se faz.

Neste século, as empresas começam a atuar em parceria com o Estado e a apoiar a realização de algumas ações educacionais, facilitando e incentivando o aprendizado dos profissionais de maneira contínua. Trata-se de um arranjo oportuno, pois uma organização só será bem-sucedida se investir agressivamente em pesquisa e inovação – a chave-mestra da competitividade no mercado mundial, altamente regulado pelo domínio de tecnologia. Com um detalhe importante: a inovação não deve ficar restrita aos especialistas, sob pena de ceder terreno aos concorrentes que tratam essa área da gestão como aspecto predominantemente cultural, distribuída em todos os pontos da rede organizacional.



Se você ama a incerteza, está no caminho certo. As oportunidades surgirão dela.

Não há como escapar. O planeta está dando uma lição para a humanidade e exige uma mudança radical de valores. Se usarmos a metáfora do mar em turbulência, empresas, indivíduos, sociedades, governos, nações, grupos de nações, estamos todos no mesmo barco.

Há quem acredite que, para superar os imprevistos e os conflitos inevitáveis, bastam soluções fáceis, baseadas na força. Nada mais equivocado. Qualquer manobra precipitada poderá colocar em risco a segurança da tripulação e a eventual perda da embarcação. Uma tripulação treinada e integrada aumenta a segurança e a confiança geral. Algumas lideranças empresariais já descobriram que, para navegar no mundo em transformação, solidão e falta de gestão são sinais de naufrágio – ou no mínimo, de encalhe.

Tudo é tão novo, mas ao mesmo tempo sempre esteve aí. Não deveria ter sido assim desde o início dos tempos? Não deveríamos trabalhar de forma a promover o bem comum? Não deveríamos extrair o que queremos da natureza sem provocar o seu e, por extensão, o nosso fim? Mas, afinal de contas, o que mudou? Tudo. E nada. Simples assim.